

A REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA E A PESQUISA EMPÍRICA DA PSICOLOGIA NO CENÁRIO BRASILEIRO

Achilles Gonçalves Coelho Júnior
Cristiano Roque Antunes Barreira

Universidade de São Paulo
achillescoelho@gmail.com; crisroba@gmail.com

Resumo

A relação entre Fenomenologia e Psicologia permeia toda a obra de Edmund Husserl. Atualmente, no Brasil, existe um debate em torno do uso do procedimento da redução transcendental nas pesquisas empíricas em psicologia. O objetivo de nossa pesquisa foi discutir como o conceito de redução fenomenológica tem sido proposto, no cenário brasileiro, como procedimento das pesquisas empíricas realizadas pela psicologia fenomenológica, confrontando com alguns fragmentos de textos husserlianos que favorecem o exame da relação entre redução transcendental e psicologia fenomenológica. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica narrativa de estudos contemporâneos publicados em periódicos científicos nacionais de língua portuguesa, revisados por pares, nos últimos dez anos, acessados na base de dados dos Periódicos CAPES, bem como de algumas obras de Edmund Husserl que trataram explicitamente sobre o tema. Entre 127 artigos encontrados, selecionamos 12 deles para análise, considerando a presença de uma explícita discussão da relação visada pelo objetivo. Apesar de alguns autores brasileiros indicarem a restrição do uso da redução transcendental à Filosofia Fenomenológica, verifica-se a indicação do próprio Husserl a favor do uso desse procedimento pela psicologia, guardadas as diferenças e relações de complementariedade entre Fenomenologia e Psicologia.

Palavras-chave: Redução Fenomenológica. Psicologia Fenomenológica. Edmund Husserl.

Abstract

The relationship between Phenomenology and Psychology permeates the whole work of Edmund Husserl. Currently, in Brazil, there is a discussion about the use of the transcendental reduction procedure in empirical research in psychology. The objective of our research was to discuss how the concept of phenomenological reduction has been proposed in the Brazilian scenario as a procedure of empirical research conducted by phenomenological psychology, confronting some fragments of Husserlian texts that favor the examination of the relation between transcendental reduction and phenomenological psychology. This is a narrative bibliographic research of contemporary studies published in national Portuguese-language scientific journals, peer-reviewed in the last ten years, accessed in the CAPES Periodicals database, as well as some works by Edmund Husserl that explicitly dealt with the theme. Among 127 articles found, we selected 12 of them for analysis, considering the presence of an explicit discussion of the relation aimed at by the objective. Although some Brazilian authors indicate the restriction of the use of the transcendental reduction to the Phenomenology, we found Husserl's suggestion in favor of the use of this procedure by the psychology, conserving the differences and complementary relations between Phenomenology and Psychology.

Keywords: Phenomenological Reduction. Phenomenological Psychology. Edmund Husserl.

1. Introdução

A relação entre Fenomenologia e Psicologia permeia toda a obra de Edmund Husserl. A difícil compreensão dos contornos em que essa relação vai tomando, no decorrer do desenvolvimento dos textos husserlianos, tem gerado muitas pesquisas, que visam enfrentar

esse tema. Recompôr a história da relação entre Fenomenologia e Psicologia é uma tarefa árdua que necessita ser continuamente retomada.

Na busca por conhecer a consciência pura, também denominada de consciência transcendental, a Fenomenologia Clássica, fundada por Husserl, assume o método da epoché transcendental que nos dá acesso a essa nova região de estudo. A operação da epoché ou redução seria decomposta em diferentes passos de parentização, caracterizando-a como uma redução progressiva. Esse procedimento consiste em dois momentos constitutivos e complementares: o primeiro, uma suspensão dos juízos apriorísticos acerca da realidade, formados pelas ciências ou pela atitude natural, e em seguida, no segundo momento, uma análise das características essenciais do fenômeno assim como se mostra à consciência (Husserl, 1913/2006). O caminho é progressivo, uma vez que se pode suspender a crença na existência da realidade para se examinar a essência dos fenômenos, assim como captados pela consciência (redução eidética), mas pode-se suspender também a existência do sujeito psicofísico que realiza este ato, visando acessar a consciência transcendental que está no fundamento das diversas vivências (redução transcendental), visando explicitar as características estruturais das vivências puras e do sujeito puro que as vivencia (Ales Bello, 2004). Por isso, Husserl (1913/2006) propõe que sejam considerados vários tipos de reduções fenomenológicas, dependendo do tipo da região que é parentizada para evidenciar a essência dos fenômenos.

De forma geral, a redução é utilizada por Husserl como um termo técnico para se referir ao procedimento de descoberta das estruturas noético-noemáticas das experiências de vida, depois que a atitude natural foi suspensa através da epoché e que os vários preconceitos foram neutralizados (Moran e Cohen, 2012). Identifica-se, na obra husserliana, vários tipos de reduções fenomenológicas: redução eidética, redução fenomenológica-psicológica, redução intersubjetiva, redução transcendental, entre outras (Castro e Gomes, 2011; Barreira, 2017). Atualmente, no Brasil, existe um debate em torno do uso do procedimento da redução transcendental nas pesquisas empíricas em psicologia. Encontramos alguns pesquisadores brasileiros que propõe que o método próprio da psicologia fenomenológica seja a redução fenomenológica-psicológica, mas também aqueles propõe o uso da redução transcendental como um passo possível a ser adotado em algumas pesquisas empíricas levadas a cabo pela psicologia (Goto, 2008; Peres, 2014; Barreira, 2017). Assim, o problema da relação entre Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica é atualizado em torno do uso do procedimento das reduções fenomenológicas nas pesquisas qualitativas, solicitando um novo exame da obra husserliana para favorecer indícios para compor essa resposta.

O objetivo de nossa pesquisa foi discutir como o conceito de redução fenomenológica tem sido proposto, no cenário brasileiro, como procedimento das pesquisas empíricas realizadas pela psicologia fenomenológica, confrontando com alguns fragmentos de textos husserlianos que favorecem o exame da relação entre redução transcendental e psicologia fenomenológica.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica narrativa em que visamos identificar, nos estudos contemporâneos publicados em periódicos científicos nacionais de língua portuguesa, revisado por pares, nos últimos dez anos, a partir da base de dados dos Periódicos CAPES, aqueles artigos que tomam como objeto de discussão a metodologia fenomenológica assim como utilizada na psicologia, bem como buscam em suas argumentações delinear propostas de sua utilização. Foram encontrados um total de 127 artigos, utilizando os descritores “psicologia” e “fenomenologia”, após aplicados os filtros acima citados (língua portuguesa e revisado por pares). Desses artigos encontrados, selecionamos 12 artigos que discutiam mais explicitamente a relação visada no objetivo. Na discussão dos resultados, os artigos não foram analisados e comentados individualmente, ao invés disso, priorizamos as principais argumentações teóricas identificadas e citamos aqueles que melhor fundamentavam a perspectiva encontrada. A análise desses artigos é discutida com apoio de algumas obras de Edmund Husserl (1913/2006, 1923-24/2007, 1925/1977, 1927/1971, 1928/1979) que tratam mais explicitamente sobre o tema da redução transcendental e da relação entre a Fenomenologia e Psicologia.

2. A redução fenomenológica em debate na psicologia contemporânea brasileira

A presença da Fenomenologia no desenvolvimento da psicologia brasileira, tem sido alvo de vários estudos que buscam identificar as várias rotas que a perspectiva percorreu ao influenciar o desenvolvimento da Psicologia Contemporânea no Brasil, desde a história das ideias psicológicas até as abordagens da clínica psicológicas de maior divulgação na prática do profissional psicólogo (Massimi, 2014; Gomes, Holanda e Gauer, 2004; Holanda, 1997). Gomes, Holanda e Gauer (2004) destacaram a clínica psicológica como uma das responsáveis pela divulgação da metodologia fenomenológica no Brasil, adotada como alternativa em relação à clínica de orientação psicanalítica que se manteve dominante e quase homogênea durante muitos anos em nosso cenário.

O momento atual de discussão da Fenomenologia no Brasil, recebeu um grande vigor com a presença da Professora Dra. Angela Ales Bello, da *Pontificia Università Lateranense di Roma*, já a partir de suas primeiras visitas a nosso país. Desde o ano de 2001, a professora Ales Bello tem visitado, anualmente, várias universidades brasileiras, promovendo e estimulando a leitura e discussão dos textos originais de Edmund Husserl, bem como a recuperação das

contribuições de Edith Stein para a Psicologia, favorecendo um interesse da apropriação da Fenomenologia Clássica no âmbito da Psicologia (Massimi, 2011). Outros autores internacionais, comentadores de Edmund Husserl, também têm sido objeto de interesse dos psicólogos brasileiros que se dedicam ao estudo da fenomenologia, suscitando um aprofundamento do debate da relação entre Fenomenologia e Psicologia, como Natalie Depraz (2008), Dan Zahavi (2003), Amadeo Giorgi e Daniel Sousa (2010), entre outros.

Alguns autores brasileiros têm enfrentado mais diretamente a discussão do método fenomenológico como fundamento das pesquisas empíricas no âmbito da Psicologia (Holanda, 2012; Goto, 2008; Barreira, 2011, 2017; Barreira e Ranieri, 2013; Castro e Gomes, 2011; Peres 2014; dos Reis, Holanda e Goto, 2016; Feijoo e Goto, 2017).¹

Tomy Goto (2008) ofereceu uma ampla discussão sobre o desenvolvimento da Fenomenologia Transcendental de Husserl, destacando os vários momentos em que o fundador da Fenomenologia discutiu o tema da Psicologia em sua obra. Goto (2008) aprofundou o exame da obra *Crises das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* (Husserl, 1935/2012), apontando várias nuances da relação entre Fenomenologia, redução fenomenológica e Psicologia. Nesse trabalho, afirma que “a psicologia, para preservar o seu objeto e tema, deve incorporar, então o método da *redução fenomenológica-psicológica* (...) **porque só com esse método** nós teríamos o alcance de uma descrição psicológica dos fenômenos da consciência” (Goto, 2008, p.158, itálicos do autor, negritos nossos). A psicologia fenomenológica, caracterizada pelo uso dessa específica redução, estaria vinculada à Fenomenologia Transcendental, entendendo Goto (2008) que o vínculo ocorre porque a psicologia seria o caminho obrigatório da fenomenologia. O vínculo explicitado entre Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica, ocorre no sentido de a psicologia disponibilizar a descrição das estruturas psíquicas como caminho para a apreensão das vivências transcendentais ou puras, ou dito de outro modo, a psicologia seria a via de acesso à subjetividade transcendental. Desta forma, Goto (2008) oferece uma contribuição para adentrarmos na relação entre Psicologia e Fenomenologia e o faz destacando uma distinção radical entre elas.

Diante disso, podemos destacar que, apesar da psicologia fenomenológica ser uma disciplina importante para a fenomenologia transcendental, ela se distingue radicalmente desta. Como conclui Husserl (1927), a psicologia fenomenológica é, sem dúvida paralela à fenomenologia

¹ Vale ressaltar que um crescente número de pesquisas empíricas em psicologia tem feito uso do método fenomenológico, mas nos detemos aqui em discutir aqueles estudos que tomam como objeto de discussão o método fenomenológico mesmo, prescindindo da análise de artigos que já aplicaram a fenomenologia como método de investigação empírica de algum fenômeno psicológico específico.

transcendental, porém devemos distinguir, de início, o rigor e a finalidade de ambas. O sentido da investigação psicológica é radicalmente distinto da fenomenologia transcendental, pois a psicologia fenomenológica visa ao sujeito psicológico, enquanto a fenomenologia transcendental visa o sujeito transcendental (Goto, 2008, p.237).

O destaque na distinção entre Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica, bem como a adoção da redução fenomenológica-psicológica como sendo o método próprio dessa última, tem sido um aspecto replicado em vários outros artigos. Apesar dessa argumentação ser tratada reiteradamente na obra do próprio Edmund Husserl (1911/1965, 1925/1977, 1935/2012), entendemos que enfatizar apenas a distinção pode levar a um risco de compreender a relação entre as duas disciplinas como algo unidirecional, no sentido de explicitar a contribuição da Psicologia à Fenomenologia, mas não manter a abertura da Psicologia continuar recebendo a contribuição da Fenomenologia no que se refere às descrições da subjetividade transcendental.

Em recente artigo, Goto e Feijoo (2017) discutiram a Fenomenologia enquanto método de pesquisa em Psicologia, incluindo também as diferenças entre Fenomenologia, Psicologia Fenomenológica e Psicologia Empírica, seguindo algumas das indicações husserlianas. Contudo, nesse estudo, também foi dada uma ênfase na explicitação das diferenças entre a Fenomenologia e a Psicologia Empírica, não favorecendo um aprofundamento do reconhecimento da contínua e enriquecedora interação entre elas². Se por um lado examinar as propriedades da Psicologia Fenomenológica, sobretudo no âmbito da pesquisa em psicologia, requer reexaminar o problema do empírico e do transcendental como critérios de diferenciação, por outro lado, verifica-se explicitamente o risco de interpretarmos como proposição de um fechamento da Psicologia Fenomenológica às contribuições da adoção da redução transcendental e das descrições da subjetividade transcendental dela advindas.

A noção de redução fenomenológica, que se refere à saída do empírico para o eidético-transcendental/fenomenológico, é discutida por Husserl inicialmente nas *Investigações lógicas* (1901/2007a) e em *Ideia da Fenomenologia* (1907/1990). E é dessa redução que trata a fenomenologia como método de investigação e pesquisa. Mais tarde, nas *Ideias I* (1913/2006), Husserl vai passar a não falar somente em redução, mas antes em suspensão. A suspensão, por sua vez, aponta para o total e radical abandono de todos os pressupostos ditos hipostasiantes, passando para o acompanhamento da experiência intencional dos objetos que se abrem a partir daí. É assim que se alcança, para Husserl, algo além da orientação natural, ou seja, para além de qualquer juízo sobre existência espaço-temporal, seja a consciência, o ego, e a condição de possibilidade de toda e qualquer vida fenomenológica constituinte, inclusive a psíquica. Assim, percebemos que a tentativa de fundamentar a fenomenologia na estrutura denominada eidético-transcendental dos atos intencionais inviabiliza, porém, por completo a prática direta da fenomenologia na psicologia (Goto & Feijoo, 2017, p.03-04).

² Sobre a relação entre Psicologia Fenomenológica e Psicologia Empírica, optamos por não aprofundar a discussão no presente trabalho. Essa discussão pode ser encontrada nos textos de Goto (2008), Peres (2014, 2017), dos Reis, Holanda e Goto (2016).

Inviabilizar por completo a prática direta da fenomenologia na psicologia, conforme afirmam os autores, parece ser uma interpretação que traz o risco de tolher as principais contribuições da Fenomenologia à Psicologia. Conforme apontava Husserl (1911/1965, 1935/2012), à Fenomenologia cabia oferecer os fundamentos conceituais para a Psicologia e o fazia justamente disponibilizando seus achados decorrentes de uma análise da estrutura transcendental do sujeito. No decorrer da obra husserliana, vai ficando cada vez mais evidente que esta contribuição passaria por uma Psicologia Eidética (Husserl, 1925/1977; Peres, 2014, 2017; Barreira, 2011; Ales Bello, 2016).

Thiago Castro e Willian Gomes (2011) também recuperaram o papel das reduções fenomenológicas nas pesquisas em psicologia e oferecem alguns apontamentos importantes para a compreensão desse tema. Eles destacaram que Husserl costuma ser referenciado nos textos metodológicos sobre pesquisa empírica em psicologia, tomando como fundamento da descrição da redução apenas a obra *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* de 1913. Isso significaria que a via cartesiana passa a ser a mais discutida pelos psicólogos, o que sugere que as outras vias de redução fenomenológica para acesso da dimensão transcendental, como a via psicológica, não estariam sendo devidamente discutidas³.

Castro e Gomes (2011) enfatizaram que a releitura da fenomenologia e dos tipos de redução, realizadas por Merleau-Ponty, exerceu forte influência nos projetos de psicologia empírico-fenomenológica desenvolvidos no Brasil. Apesar de reconhecerem a importância da redução transcendental na fenomenologia husserliana, o que inclui a referência a uma Psicologia Eidética, eles entendem que o passo metodológico da redução transcendental foi substituído pela interpretação dos significados emergentes, ao tomar como fonte a interpretação merleau-pontyana do método fenomenológico. Assim, parecem localizar com precisão um tipo de posicionamento teórico que foi se difundindo na psicologia em relação à exclusão da redução transcendental enquanto tema de reflexão dos psicólogos, sugerida pelos existencialistas ou por um fenomenólogo com acento existencialista, como Merleau-Ponty, substituindo a descrição das vivências transcendentais pela ênfase no sentido relativo vivido pelo sujeito empírico.

Sávio Peres (2014), ao referenciar as *Lições de Psicologia Fenomenológica* proferidas por Husserl em 1925, enfatizou que a Psicologia Fenomenológica Pura, ou Psicologia Eidética, foi apresentada nesta obra como uma ciência autônoma em relação à Fenomenologia

³ Para chegar a acessar a região da consciência transcendental, objeto próprio da análise fenomenológica, Husserl percorria diversos caminhos que foram identificados como via cartesiana, via ontológica, via psicológica, via do mundo-da-vida, entre outros (Ales Bello, 2005, 2016; Depraz, 2008; Zahavi, 2003).

Transcendental, “efetuada sem a realização da redução transcendental” (Peres, 2014, p.227). Desta forma, enquanto disciplina autônoma, seria a Psicologia Fenomenológica que ofereceria à Psicologia Empírica seu fundamento conceitual, ao mesmo tempo que se constituiria como uma via para a Fenomenologia Transcendental.

Na busca pela delimitação entre a Psicologia Fenomenológica e Fenomenologia Transcendental, Peres (2014) localiza a redução transcendental como método próprio dessa última, sendo o meio pelo qual ela atinge o domínio do tipo de experiência transcendental. Assim fazendo, realça a delimitação entre as ciências pelo tipo de redução utilizado pelo pesquisador. Enquanto o filósofo fenomenólogo visaria as experiências do sujeito transcendental por meio da redução transcendental e, a partir daí, elaboraria os fundamentos das diversas ciências empíricas, o psicólogo fenomenólogo prescindiria desta redução para se deter na estrutura essencial das vivências do sujeito psicofísico.

Nesse contexto de discussão, pergunta-se: o psicólogo deveria sempre parar antes do uso da redução transcendental e apenas oferecer seus achados à Fenomenologia Transcendental, para que daí esta assuma as pesquisas que conduzam ao conhecimento da estrutura universal da pessoa? Poderia a Fenomenologia contribuir para que a Psicologia atinja a compreensão de seu objeto de estudo, a psique, pensado a partir de uma estrutura transcendental? O que está em jogo não é a negação do limite ou das diferenças entre as ciências – psicologia fenomenológica e fenomenologia transcendental –, mas resguardar sua contínua interação porquanto a estrutura transcendental não seja desconsiderada pela Psicologia.

Buscando garantir essa possibilidade, Barreira (2017) tem explicitado a viabilidade da utilização da redução transcendental na realização de análise fenomenológica de pesquisas em Psicologia:

Nessa linha, o desenvolvimento de pesquisas operacionais para a pesquisa fenomenológica em Psicologia passa pela pretensão de almejar a radicalidade da fenomenologia clássica, cumprindo a *redução transcendental*. O que a *epoché* transcendental faz não é separar o mundo em partes; é considerar cada coisa à sua vez, visando apreender-lhe o sentido a fim de tomar ciência de *como* esta coisa *pode* participar da constituição mundana, agindo aí ao modo da atitude natural, em suas maneiras prática, sentimental-valorativa, pessoal, científica, teórica, etc. (Barreira, 2017, p.321, itálicos do autor).

Barreira (2017) designa o cumprimento da redução transcendental na realização das pesquisas em Psicologia como uma “pretensão”. O cuidado em apontar a viabilidade de seu uso, um tipo de autorização cautelosa, sem prometer ou garantir que ela sempre seja realizada pelas pesquisas empíricas da Psicologia Fenomenológica, deixa em aberto o horizonte de

possibilidades de aprofundamento da Psicologia em dedicar-se à descrição de aspectos estruturais da pessoa. Deveria a Psicologia se deter nos aspectos sentimentais-valorativos individuais, correndo o risco de se restringir a um horizonte de relatividade que poderia levá-lo ao relativismo? Decerto, uma Psicologia Fenomenológica, através do uso da redução fenomenológica psicológica, poderia acessar a essência das vivências identificadas na consciência da pessoa, mas isso já não seria justamente o passo que aponta para a realização em andamento da redução transcendental que busca a universalização de uma vivência?

Barreira (2017) identifica ainda que ao visar a vivência, enquanto experiência transcendental, o que está em jogo na análise não é mais um dado de individualidade pessoal singular, algo privado, mas a própria subjetividade transcendental que se dá a conhecer através das análises da psicologia fenomenológica.⁴ Barreira (2017) discute, ainda, a relevância de se operar a redução intersubjetiva no momento de análise dos depoimentos das pesquisas empíricas em Psicologia Fenomenológica. É por meio do *cruzamento intencional*, mencionado já em Barreira e Ranieri (2013), termo que nomeia um “processo analítico comparativo com vistas à individuação de vivências intencionais (essências) constitutivas do fenômeno em questão” (Barreira, 2017, p.348), que o passo rumo a uma gradativa e contínua aproximação dos aspectos transcendentais poderia ser cumprido. Assim, no procedimento do cruzamento intencional, as reduções eidéticas e intersubjetivas disponibilizam o passo para identificação de aspectos da subjetividade transcendental, isto é, de aspectos universais que são apresentados nas vivências individuais. “É a *redução transcendental* que se opera aqui encontrando as *vivências* constitutivas sem as quais as diferentes possibilidades de ser do fenômeno se esfacelariam junto ao próprio fenômeno” (Barreira, 2017, p.356, *itálicos do autor*).

3. A redução transcendental e a psicologia fenomenológica

Se retomamos a leitura de alguns textos do próprio Edmund Husserl que tratam diretamente do tema da via psicológica da redução, bem como da relação entre redução transcendental e a Psicologia, como *Filosofia Primeira: teoria da redução fenomenológica* (1923-24/2007) e *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* (1935/2012) somos convidados a ampliar o horizonte de discussão dos temas aqui tratados⁵.

⁴ Isso concorda com o que o próprio Husserl (1935/2012) conclui, em uma das suas últimas obras, sobre a identidade entre Psicologia Fenomenológica e a Fenomenologia Transcendental, ao enunciar que a compreensão da “fenomenologia como psicologia a priori, ou seja, como doutrina da essência da subjetividade transcendental” (p.213), descrevendo as várias possibilidades de interação entre essas ciências e seus aspectos de semelhança.

⁵ Os títulos referidos são de nossa tradução. Vale ressaltar que, na década de 1920, Edmund Husserl dedicou-se a aprofundar a discussão sobre a relação entre Psicologia e Fenomenologia. Conforme esclarece Peres (2014), nessa época, o projeto de uma Psicologia Fenomenológica Pura foi sendo marcadamente explicitado, principalmente,

Na Lição 46 da *Filosofia Primeira* (Husserl, 1923-24/2007), intitulada *Reformulação e aprofundamento do método fenomenológico: da via cartesiana e da via do psicólogo à redução transcendental*, encontramos uma importante discussão em que o fundador da fenomenologia recomenda que o psicólogo se aproprie da redução transcendental como horizonte de possibilidade de realização dos objetivos da própria Psicologia. Exemplificamos abaixo algumas dessas passagens teóricas:

Agora, porém, ocorre dizer desde o princípio que, ao interno das reduções singulares, não atinjo nunca a um *fim* e que, enquanto *psicólogo*, não tenho como tema apenas os atos singulares, mas sim um *completo ser humano* e uma *completa psique*. Essa unidade é, *a priori*, o princípio guia. Pode-se dizer: assim como as coisas e o mundo, assim também a psique, ou seja, a monada, é dada originariamente a si mesma, mas isso apenas como unidade de uma multiplicidade infinita de modos de datidade e só em maneira orientada, ou seja, em torno à presença psíquica com seu horizonte explicável. Portanto, uma *redução universal é necessária desde o princípio*. A “*redução psicológica*” não consiste, portanto, no reduzir caso por caso, mas sim no reduzir caso por caso com base do todo (Husserl, 1923-24/2007, p.163, itálicos do autor, tradução nossa).

Não seria possível apresentar aqui a detalhada análise desenvolvida por Husserl até chegar a essa afirmação acima. Ainda assim, podemos identificar no trecho acima que ao dedicar-se à análise eidética das diversas vivências psíquicas, o psicólogo pode se dar conta das inúmeras possibilidades que são atualizadas em cada intencionalidade que se oferece à análise. O que insistentemente se apresenta à análise do psicólogo não são apenas cada ato e vivência singular, mas a complexidade e potencialidade do ser humano, isto é, a estrutura da pessoa humana com sua dimensão psíquica, conectada com a corporeidade e o espírito, cujos atos singulares se destacam a cada vez à reflexão fenomenológica-psicológica. Então, Husserl (1923-24/2007) adverte aos psicólogos que apenas a partir de uma redução universal, no sentido de uma redução transcendental, é que poderíamos compreender caso por caso, ou seja, apenas no horizonte interno das totalidades de vivências – diga-se, diante da estrutura transcendental da subjetividade – que as singularidades das vivências poderiam ser verdadeiramente compreendidas.⁶ Isso significa que redução universal deveria ser assumida como passo

em três estudos: *Lições de psicologia fenomenológica* (1925), *Artigo para a Enciclopédia Britânica* (1927) e *Conferências de Amsterdam* (1928). Na impossibilidade de discutirmos aqui essa relação, sugerimos a leitura de Kockelmans (1994), Ales Bello (2005, 2016) e Peres (2014).

⁶ O termo redução universal foi utilizado por Husserl no sentido de uma redução transcendental. Como explica Matos (2016): “Esta redução à vida pura do eu desinteressado e reflexivo, identificada como transcendental é o principal problema apontado por Husserl em relação ao desenvolvimento da teoria da *epoché* e redução fenomenológica através desta primeira concepção da via psicológica em suas correções críticas, pois vemos que Husserl constantemente tende a associar, durante as lições, a redução do “psíquico” puro com a redução transcendental. Isto se observa pela ênfase na caracterização da redução psicológica pura como redução fenomenológica universal, possibilitada por uma atitude de *epoché* fenomenológica universal em relação ao mundo em seu conjunto e em relação às vivências particulares em si” (Matos, 2016, p.69).

metodológico do psicólogo, no lugar da redução fenomenológica psicológica? Afirmar isso geraria uma identidade entre as ciências da psicologia e fenomenologia que Husserl (1911/1965, 1925) dedicou-se muito tempo à delimitar. Talvez seja por esse motivo que Husserl (1935/2012) chegou a sinalizar a semelhança entre as duas disciplinas em alguns momentos específicos de sua obra. Entretanto, não seria possível seguir a via da redução psicológica sem resguardar a contínua interação entre os achados psicológicos-fenomenológicos e aqueles fenomenológicos-transcendentais. Assim, não apenas a psicologia fenomenológica seria adotada como uma via para a região transcendental, como enfatizam Goto (2008), Peres (2017), do Reis, Holanda & Goto (2016), como a subjetividade transcendental seria imprescindível para as análises psicológicas.

Em uma outra nota de rodapé, ainda na mesma obra, Husserl (1923-24/2007) comenta: “Essa deveria ser a redução do psicólogo. Mas assim está errado. Para o psicólogo é necessária, desde o princípio, uma redução universal e, somente através dessa, todas as reduções singulares” (p.164, tradução nossa). As anotações de Husserl ao longo de seu manuscrito ajudam a esclarecer o problema. Ele não estava propondo que a redução transcendental fosse o método próprio da psicologia, mas que a psicologia necessitava partir dela, ou a ela atingir, para que a redução psicológica pudesse se efetivar.

Em um dos últimos textos husserlianos, essa argumentação é desenvolvida ao longo de vários parágrafos. Husserl (1935/2012) chega a usar o termo psicologia transcendental para se referir ao estágio da psicologia fenomenológica que alcança, em suas análises, a subjetividade transcendental e, neste ponto, se identificaria com a fenomenologia transcendental.

A psicologia fenomenológica abre-se, segundo o seu sentido, em diversos estágios, porque a própria redução fenomenológica – e isto pertence à sua essência – só gradualmente pode revelar o seu sentido, os seus necessários requisitos interiores e o seu alcance (Husserl, 1935/2012, p.200).

... não existe uma psicologia pura como ciência positiva, uma psicologia que pretenda pesquisar universalmente, como fatos reais, os homens que vivem no mundo, do mesmo modo como as outras ciências positivas, da natureza e do espírito. Só existe uma psicologia transcendental, que é idêntica à filosofia transcendental. (...) Mas, se é necessária a *epoché* universal, abrangendo todo o ter consciência do mundo, a psicologia perde, durante essa *epoché*, o solo do mundo objetivo. E, logo, a psicologia pura é, em si mesma, idêntica à filosofia transcendental como ciência da subjetividade transcendental. Contra isso, nada há a objetar. (Husserl, 1935/2012, p.208).

A psicologia fenomenológica deveria estar aberta ao caminho para o qual a redução fenomenológica a conduz. No primeiro trecho acima, Husserl (1935/2012) não está discutindo a evolução conceitual da psicologia fenomenológica em sua própria obra, mas está apontando

a necessária abertura de desenvolvimento que precisa ser considerada ao seguir a direção demandada pela sua própria dinâmica de análises e de pesquisas. No momento em que se reconhece como uma psicologia pura, ou seja, como uma ciência que oferece conceitos universais para a compreensão dos casos individuais, a psicologia fenomenológica não o faz fundamentada nos moldes de um empirismo positivista, mas a partir dos achados das vivências transcendentais, da subjetividade transcendental (Husserl, 1925/1977; 1935/2012). Daí a segunda citação acima mostra como, neste aspecto, psicologia fenomenológica transcendental e fenomenologia transcendental são idênticas. Contudo, a perda do solo do mundo objetivo, do horizonte mundano intencionalmente captado pelo sujeito psicofísico, se mantida por muito tempo, diluiria a própria psicologia na fenomenologia transcendental. Sendo assim, o retorno ao solo objetivo do mundo da vida faz-se necessário, mas agora lapidado pelas evidências encontradas no território da subjetividade transcendental. Como já identificava Husserl (1923-24/2007), quando o psicólogo coloca fora de jogo a sua tomada de posição de crenças relativas a elementos percebidos e aos valores das coisas analisadas, o faz apenas de modo relativo a seus objetivos determinados pelo seu estudo. Assim, parece bem viável, a possibilidade de que a redução transcendental possa ser assumida, ainda que temporariamente, pela psicologia fenomenológica. Esta não o faz visando se apropriar da identidade da fenomenologia transcendental, por adotar a redução transcendental, fenomenologia transcendental e perder a sua própria essência como ciência psicológica, mas serve-se desse passo para que possa exercer sua verdadeira vocação de ser uma psicologia pura.

4. Considerações finais

Não podemos esgotar aqui essa discussão, mas segue o convite à Psicologia Fenomenológica evitar se interromper rápido demais diante do horizonte descoberto pelas suas investigações, limitando-se pela reflexão em relação à fronteira da Fenomenologia Transcendental que, apesar de existente, não apenas é mal delineada como mantém as portas abertas para o contínuo intercâmbio. A retomada dos textos husserlianos nos aponta a possibilidade de um uso cuidadoso da redução transcendental pelas pesquisas empíricas em psicologia, desde que atente-se às especificidades inerentes ao seu objeto e região ontológica de estudo.

Como o psicólogo pesquisador poderia, em sua prática empírica, operacionalizar o passo da redução transcendental, deve ser objeto de novas pesquisas a serem desenvolvidas. Isso indica também a necessidade de um aprofundamento sobre quais seriam os critérios que nos permitiriam reconhecer os aspectos transcendentais de uma vivência que se deu na redução

fenomenológica e na redução intersubjetiva. A possibilidade de que a Psicologia Fenomenológica, a partir de suas pesquisas, reporte à região transcendental e depois ofereça-a novamente à dimensão da prática e da ética do profissional psicólogo constitui um convite à busca de novas investigações.

REFERÊNCIAS

- ALES BELLO, A. *Edmund Husserl: pensare Dio, credere in Dio*. Padova: Messaggero di Padova, 2005.
- _____. *Fenomenologia e Ciências Humanas*. Tradução e organização de M. Mahfoud e M. Massimi. Bauru: EDUSC, 2004.
- _____. *Il senso dell'umano: tra fenomenologia, psicologia e psicopatologia*. Roma: Castelvechi, 2016.
- BARREIRA, C. R. A. Análise fenomenológica aplicada à Psicologia: recursos operacionais para pesquisa empírica. In: M. Mahfoud; J. Savian Filho. *Diálogos com Edith Stein. Filosofia, Psicologia e Educação*. São Paulo: Paulus, 2017. p.317-368.
- _____. Da história da fenomenologia à ética na psicologia: tributo ao centenário de Filosofia como Ciência Rigorosa (1911) de Edmund Husserl. *Memorandum*, v.20, p.135-144, 2011. Disponível em <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a20/barreira01>. Acesso em 15 nov. 2017.
- BARREIRA, C. R. A.; RANIERI, L. P. Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In M. Mahfoud; M. Massimi. *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 449-466.
- CASTRO, T. G. D.; GOMES, W. B. Movimento fenomenológico: controvérsias e perspectivas na pesquisa psicológica. *Psicologia: teoria e pesquisa*. Brasília. v. 27, n. 2, p. 233-240, 2011.
- DEPRAZ, N. *Compreender Husserl*. Tradução de Fábio Santos. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DOS REIS, B. B.; HOLANDA, A. F.; GOTO, T. A. (2016). Husserl e o artigo para Enciclopédia Britânica (1927): projeto da psicologia fenomenológica. *Psicologia em Estudo*, v. 21, n. 4, p. 629-640, 2016.
- FEIJOO, A. M. L. C.; GOTO, T. A. É Possível a Fenomenologia de Husserl como Método de Pesquisa em Psicologia? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 32, n. 4, p.01-09, 2017.
- GIORGI, A.; SOUSA, D. *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século, 2010.
- GOMES, W. B.; HOLANDA, A. F.; GAUER, G. *Psicologia Humanista no Brasil. Museu Virtual da Psicologia no Brasil*. Porto Alegre: MuseuPSI, 2004.
- GOTO, T. A. *Introdução à Psicologia Fenomenológica: a Nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus, 2008.

- HOLANDA, A. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise psicológica*, v. 24, n. 3, p. 363-372, 2012.
- HUSSERL, E. *A crise das ciências européias e a Fenomenologia Transcendental*. Uma introdução à Filosofia Fenomenológica. Tradução de D. F. Ferrer e revisão técnica de M. A. Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. Original de 1935 e publicação póstuma em 1954.
- _____. *A filosofia como ciência de rigor*. Tradução de Albin Beau. Coimbra: Atlântida, 1965. Original publicado em 1911.
- _____. *Conferenze di Amsterdam: psicologia fenomenologica*. Tradução de P. Polizzi, A. M. Riedl e L. Samonà. Palermo: Pietro Vittorietti Editore, 1979. Original de 1928.
- _____. *Filosofia prima. Teoria della riduzione fenomenologica*. (Introdução e organização de V. Costa; tradução de A. Staiti. Soveria Manelli: Rubbettino, 2007. Originais de 1923-24.
- _____. *Phenomenological Psychology. Lectures, Summer Semester, 1925*. Tradução de J. Scanlon. Freiburg: Martinus Nijhoff; The Hague, 1977. Original de 1925.
- _____. Phenomenology – Britannica Article, Fourth Draft (R.E.Palmer, Trad.). *Journal of the British Society for Phenomenology*, v.2, n.2, p. 77-90, 1971. Original publicado em 1927.
- _____. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Prefácio de C. A. Ribeiro; Tradução de M. Suzuki. Aparecida: Idéias & Letras, 2006. Original publicado em 1913.
- KOCKELMANS, J. *Edmund Husserl's phenomenology*. West Lafayette: Purdue University Press, 1994.
- MASSIMI, M. La fenomenologia come metodo per la psicologia: il contributo di Angela Ales Bello in Brasile. In: Baccarini, E.; D'Ambra, M.; Manganaro, P.; Pezzella, A. M. (Org.). *Persona, logos, relazione*. Una fenomenologia plurale. Roma: Città Nuova, 2011, p. 805-811.
- _____. Saberes sobre pessoa e comunidade transmitidos e elaborados pelos "medicos da alma" no Brasil colonial. In: I Congresso Internacional Pessoa e Comunidade: fenomenologia, psicologia e teologia. *Anais...* Organizado por Andrés Eduardo Aguirre Antúnez, Gilberto Safra e Maristela Vendramel Ferreira. São Paulo: IPUSP, 2014. p. 72-92. Disponível em http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/anais_I_cong_intern_pessoa_comunidade_2014.pdf. Acesso em 31 jan. 2018.
- MATOS, E. S. *A operacionalização do método de ἐποχή (epoché) e redução na fenomenologia de Edmund Husserl pelas vias cartesiana e psicológica*. 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Faculdade de Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- MORAN, D.; COHEN, J. *The Husserl Dictionary*. New York; London: Continuum, 2012.
- PERES, S. P. O desenvolvimento do projeto de uma psicologia fenomenológica em Husserl. *Psicologia em Pesquisa*, v. 8, n. 2., p. 221-229, 2014
- ZAHAVI, D. *Husserl's Phenomenology*. Santanford: Santanford University Press, 2003.